

Perfil sociodemográfico de mulheres vítimas de violência física no Rio Grande do Norte

Sociodemographic profile of women victims of physical violence in Rio Grande do Norte

Fernando Alencar Silva Santos¹, Anailda Fontenele Vasconcelos², Isabella Velasco Morimitzu³, Lidiane Vitoria Melo de Carvalho Miranda⁴, Maria Clara Müller Coutinho Mendes⁵, Kathllyn Joyce de Jesus Oliveira⁶, Ananda Caroline Vasques Dantas Coelho⁷.

RESUMO

A violência contra a mulher é um problema de saúde global, que desencadeia consequências físicas e psíquicas, portanto, o presente estudo visa descrever o perfil sociodemográfico das mulheres vítimas de violência física no estado do Rio Grande do Norte. Assim, trata-se de uma pesquisa ecológica, transversal e retrospectiva com abordagem qualitativa realizada no SINAN entre 2019 e 2021, obtendo dados referentes ao Rio Grande do Norte. Logo, foram encontradas 3.815 notificações de violência contra a mulher referente aos anos selecionados para a pesquisa. Constatou-se que a faixa etária mais predominante compreende mulheres entre 20 a 29 anos. No critério de escolaridade, 60,9% das notificações não contém o grau de formação escolar da vítima. No critério de raça/cor, destaca-se o fato de que 60,7% das mulheres são pretas ou pardas. Contudo, foi constatado o predomínio da violência física na população feminina preta/parda. O estudo também demonstrou falhas no momento das notificações com o preenchimento de dados incompletos que prejudicam a análise fidedigna do perfil sociodemográfico das vítimas e realização de ações concretas de combate à violência contra a mulher. Há a necessidade de capacitação para os profissionais de saúde, a fim de aprimorar o preenchimento do SINAN.

Palavras-chave: Violência; Violência contra a Mulher; Crimes contra as Mulheres; Delitos contra a Mulher.

ABSTRACT

Objective: to describe the sociodemographic profile of women victims of physical violence in the state of Rio Grande do Norte. Methods: ecological, cross-sectional and retrospective research with a qualitative approach carried out at SINAN between 2019 and 2021, obtaining data referring to Rio Grande do Norte. Results: 3,815 notifications of violence against women were found for the years selected for the research. It was found that the most predominant age group comprises women between 20 and 29 years old. In the education criterion, 60.9% of the notifications do not contain the victim's education level. In the race/color criterion, the fact that 60.7% of the women are black or brown stands out. Conclusion: the predominance of physical violence in the black/brown female population was verified. The study also showed failures at the time of notifications with the completion of incomplete data that hinder the reliable analysis of the sociodemographic profile of the victims and the implementation of concrete actions to combat violence against women. There is a need for training for health professionals in order to improve the completion of the SINAN.

Keywords: Violence; Violence against Women; Crimes against Women; Crimes against Women.

¹ Acadêmico de Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte⁰¹.

E-mail:

fernando.alencar.088@ufrn.edu.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1017-3928>.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará⁰².

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2846-0936>.

³ Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná⁰³.

ORCID: orcid.org/0000-0001-6687-8252.

⁴ Acadêmica de enfermagem pelo Centro Universitário São Miguel⁰⁴.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-2573-4022>.

⁵ Enfermeira pela Universidade Federal Fluminense⁰⁵.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9598-2147>.

⁶ Biomédica pelo Centro Universitário Nobre⁰⁶.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3280-8488>.

⁷ Enfermeira e Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará⁰⁷.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3874-2299>.

1. INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é uma realidade complexa que consiste em qualquer ato baseado no gênero feminino no qual reverbera em males físicos, psicológicos, financeiros e sociais para a figura feminina. Tal situação encontra-se baseada nas relações desiguais de poder e sexo, principalmente existentes no seio familiar constituída através de um sistema patriarcal onde os homens possuem dominação sobre a vida das mulheres (VIANA et al., 2022).

Ainda assim, a violência, é vista como um fenômeno de elevada prevalência, pois segundo estimativas mundiais, uma em cada três mulheres sofrem ou sofreram algum tipo de violência física ou sexual em algum momento de sua vida (OPAS, 2017), os danos ocasionados podem perdurar por muitos anos e causar consequências na saúde e vida social, constituindo assim, uma grande preocupação para a sociedade e para o setor da saúde, uma vez que pode acarretar em problemas mais graves, como traumas físicos, emocionais e até mesmo a morte (SANTOS et al., 2020).

Existem vários tipos de violência contra a mulher, como a psicológica, sexual, patrimonial, moral e física. Dentre estes tipos, para o presente estudo será enfatizado a violência física, onde esta diz respeito a condutas que cause danos através de força física por intermédio de algum tipo de arma ou instrumento que possa causar lesões internas como hemorragias e fraturas, ou externas como cortes, hematomas e feridas (RABELO; DOS SANTOS, 2019).

Nesse contexto, apesar da equiparação entre homens e mulheres inserida na Constituição de 1988, o hábito da sociedade ainda subsiste, pois, sua inserção nos espaços da vida social é vista de forma subordinada aos homens, o que assola as mulheres nos ambientes públicos e privados devido sua condição de gênero (DUFFRAYER et al., 2021).

A naturalização dessas práticas na sociedade se deu por longos anos, pelo fato do entendimento propagado de que “em briga de marido e mulher não se mete a colher”. Tal “compreensão” ocultou o sofrimento de muitas mulheres por anos e então só a partir do final da década de 1970 e início da de 1980 que o protagonismo feminino através de movimentos feministas começara a surgir (DE QUEIROZ et al., 2019).

Deste modo, o estado compreendeu o quão estava ocorrendo violação dos direitos humanos e tomou como responsabilidade assegurar a proteção das mulheres, o que

evidenciou a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas para prevenir e combater tais violências, bem como fortalecer a saúde pública (ROMÃO et al., 2020).

Diante do exposto, este estudo tem como objetivo descrever o perfil sociodemográfico das mulheres vítimas de violência física no Estado do Rio Grande do Norte através dos Bancos de Dados do Sistema Único de Saúde, disponíveis no Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) no período de 2019 a 2021.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

O presente estudo consiste em uma pesquisa ecológica, transversal e retrospectiva com uma abordagem quantitativa. Nesse sentido, foi realizada a pesquisa quantitativa no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) entre os anos de 2019 e 2021 no estado do Rio Grande do Norte (RN). Desse modo, a pesquisa buscou informações sobre mulheres vítimas de violência física com idade igual ou maior do que dez anos de idade.

A pesquisa transversal agrega a obtenção de espécime populacional e a utilização de variáveis, pois considera o paciente com presença ou ausência de doença, visando a análise de prevalências. Portanto, este estudo integrou as atribuições oriundas da Resolução nº 466/2012 e não necessitou da apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa devido a aplicação de dados secundários (VIEIRA; HOSSNE, 2015).

Além disso, houve o delineamento de dados como escolaridade e raça/cor para o melhor entendimento deste perfil sociodemográfico. Nessa perspectiva, a tabulação de dados consistiu em realizar o intercruzamento destas variáveis a fim de construir o perfil sociodemográfico de mulheres vítimas de violência física no estado do Rio Grande do Norte.

3. RESULTADOS

Nas pesquisas na base de dados- DATASUS/ Violência foram encontradas, entre o período de 2019 a 2021, em sua totalidade 3.815 notificações de violência física em mulheres do estado do Rio Grande do Norte-RN. Desse modo, essas notificações foram distribuídas da seguinte forma: 1.719 (45%) em 2019, 1.144 (30%) em 2020 e 952 (25%) em 2021 (SINAN, 2023).

Nesse contexto, foi observado que 30,7% estão na faixa etária entre os 20 e 29 anos, sendo que 23,2% das mulheres violentadas possuem entre 30 e 39 anos. Além disso, foi registrado 207 notificações de violência física entre os 10 e 14 anos e 609 entre as jovens de 15 a 19 anos (SINAN, 2023). Tais dados estão contidos no quadro 1.

Quadro 1. Número de notificações de violência física no RN conforme a faixa etária das mulheres no período entre 2019 a 2021.

Faixa etária	Número de notificações	%
10-14	207	5,4%
15-19	609	17,5%
20-29	1.186	30,7%
30-39	895	23,2%
40-49	537	13,4%
50-59	255	5,7%
60 e mais	126	3,2%

Fonte: Dados coletados no SINAN (2023).

O quadro 2 contém os dados a respeito da escolaridade das mulheres notificadas nesse período.

Quadro 2. Número de notificações de violência física no RN conforme a escolaridade das mulheres no período entre 2019 a 2021.

Escolaridade	Número de notificações	%
Ignorado/Branco	2.323	60,9%
Analfabeto	49	1,3%
1ª a 4ª série incompleta do Ensino Fundamental	138	3,6%
4ª série completa do Ensino Fundamental	84	2,2%
5ª a 8ª série incompleta do Ensino Fundamental	368	9,6%
Ensino fundamental completo	151	4%

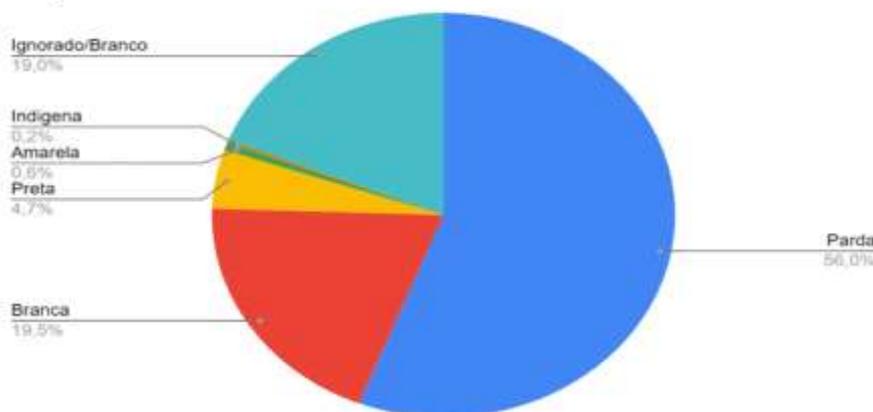
Ensino médio incompleto	252	6,6%
Ensino médio completo	312	8,2%
Educação superior incompleta	77	2%
Educação superior completa	57	1,5%
Não se aplica	4	0,1%

Fonte: Dados coletados no SINAN (2023).

Conforme os dados apresentados no Quadro 2, salienta-se que 27% das mulheres vítimas de violência física não apresentaram o ensino médio completo. Nessa perspectiva, apesar dos 2.323 campos "ignorado/brancos", é possível perceber que a população com baixa escolaridade é consideravelmente afetada (SINAN, 2023). No entanto, se faz necessário que a informação seja melhor preenchida, a fim de que nos próximos anos, seja possível delinear com precisão o perfil da escolaridade das vítimas de violência física e, de acordo com Feijó *et al* (2021), há evidências que o SINAN possui um alto índice de subnotificações e é o grande o índice de "ignorado/brancos".

Figura 1. Distribuição das raças/cores das mulheres violentadas no RN entre 2019 a 2021.

Raça/Cor das mulheres violentadas no RN entre 2019 - 2021



Fonte: Dados coletados no SINAN (2023).

Outrossim, congruente ao conteúdo da Figura 1, é relevante ressaltar que 60,7% das mulheres são pretas/pardas, seguidas de 19,5% brancas, 0,6% amarelas e 0,2% indígenas. Além disso, 19% dos casos foram contabilizados como ignorados ou não preenchidos (SINAN, 2023). Logo, essa observação sobre os "ignorados/brancos" reforça que os profissionais responsáveis pela apuração dos dados informados nas notificações devem

atentar-se para o melhor preenchimento para que seja possível uma compreensão melhor desse perfil e, conseqüentemente, planejar formas de prevenção (FEIJÓ et al, 2021).

4. DISCUSSÃO

De acordo com Madeiro et al (2019), as mulheres sofrem com este agravo no mundo todo e que, apesar das subnotificações, 35% das mulheres do planeta já sofreram algum tipo de violência física ou sexual na sua vida. Além disso, o estudo aponta que as agressões são prevalentes em mulheres mais jovens, bem como as vítimas de violência física se concentram nos grupos de menor faixa etária. Logo, são mais prováveis os casos de violência física em grupos de mulheres mais vulneráveis nas suas condições de escolaridade e renda.

Segundo Rocha e Sokolonski (2022), as mulheres negras que sofreram violência representam a maioria dos atendimentos do Centro de Referência Lélia Gonzáles, localizado na cidade de Lauro de Freitas no estado da Bahia. Além disso, Oliveira (2022) apresentou que maior parte das mulheres vítimas de violência sexual são negras. Por outro lado, Rocha e Sokolonski (2022) traz que no sul a população é 73,2% e no estado do Paraná os casos de violência doméstica são majoritariamente em mulheres brancas.

Vale ressaltar que, de acordo com Duffrayer (2021), a violência contra mulher mais prevalente é a física, bem como apresenta que no município do Rio de Janeiro 50,70 % preta/parda são vítimas dessa tipologia de violência. Ademais, este estudo traz outras similaridades com o perfil sociodemográfico do nosso estudo, apresentando que 29,10 % estão na faixa etária entre os 20 e 29 anos e 22% das mulheres violentadas possuem entre 30 e 39 anos.

Conforme Silva, Oliveira e Pol-fachin (2021), percebe-se que a violência contra mulher ainda é pouco visível na sociedade atual, bem como há poucos estudos ou com informações insuficientes, pois a subnotificação é alta. Nesse sentido, observa-se que as informações são precárias nos sistemas de informações por diversos motivos, como a falta de procura pela vítima. Desse modo, é essencial que o profissional de saúde esteja à frente deste papel essencial de notificação e acolhimento da vítima.

De acordo com Coelho et al. (2022) o perfil da mulher mais acometida vítima de violência física é de raça parda na faixa etária de 20 a 29 anos, sendo o agressor geralmente conhecido e tendo vínculo com a vítima (BAPTISTA, 2022), conciliando com Madeiro et al. (2019) que em seu estudo relata que as vítimas de violência física têm maior

incidência nos grupos de menor faixa etária. Santos et al. (2022) reforça sobre a importância da qualificação de profissionais para melhor registro das informações da ficha de notificação individual de violência doméstica, sexual e outras Violências Interpessoais (FNIV) para dados fidedignos.

Nessa perspectiva Silva et al. (2021) aponta que ter 12 anos de estudos ou mais é fator de risco para violência, reforçando os dados desta pesquisa, onde 11,7% das mulheres vítimas de violência possuem juntos o ensino médio completo, superior incompleto e superior completo. É importante salientar que os profissionais de saúde precisam estar preparados para atender mulheres vítimas de violência em seus diversos ciclos de vida e nível de escolaridade (SANTOS et al., 2022).

O consumo de álcool e drogas é um agravante para violência contra mulheres, reiterando como um problema de saúde pública que necessita de assistência. (SILVA et al., 2021). No que se refere ao agressor, Silva et al. (2021) relata elevada prevalência de violência por parceiro íntimo nos ciclos de vida da mulher, visto que 58,5% de gestantes sofrem violência física e psicológica (LIMA et al., 2020).

O empoderamento feminino fez com que homens se sentissem ameaçados e olhassem a violência para reforçar sua masculinidade e poder sobre as mulheres (RIBEIRO et al., 2020). Moura et al. (2021) reforça esse pensamento em seu estudo visto que segundo o autor a equidade de gênero, flexibilização de estereótipos de gênero e mudanças em crenças que legitimam a violência são fatores que segundo intervêm para o enfrentamento da violência.

O estudo realizado tem uma limitação importante relacionada à ausência de informações que são preenchidas por profissionais de saúde no SINAN, comprometendo a análise de variáveis como a escolaridade das mulheres agredidas. Ademais, percebe-se que a ausência de contato com os profissionais de saúde, vítimas de violência física e gestores dos serviços de saúde são limitações significativas deste artigo, pois poderiam obter-se dados com maior detalhamento por meio de entrevista.

Os resultados desta pesquisa contribuem de embasamento teórico de planejamentos de políticas públicas para mitigar a problemática da violência física contra mulher na nossa sociedade. Além disso, a abordagem deste problema por meio de estudos contribui para motivar outros pesquisadores a se envolverem com novas pesquisas dentro desta temática. Vale ressaltar, que podem servir de base para a educação permanente de profissionais da

saúde que lidam com estas notificações. Desse modo, contribuindo para a sociedade, academia e para a assistência ao profissional.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência contra mulher é considerada um agravo complexo e multifatorial que causa danos físicos, psicológicos, financeiros e sociais para a figura feminina. Vale salientar, que é uma realidade presente no cenário mundial e brasileiro. Desse modo, necessitando de estudos e políticas públicas para a mitigação desta problemática.

Diante disso, este estudo evidenciou o perfil sociodemográfico das mulheres vítimas de violência física no Estado do Rio Grande do Norte, revelando que há prevalência de violência física na população feminina preta/parda, de baixa escolaridade e idade entre os 20 e 39 anos. Ademais, revela que há falhas nas notificações reveladas no alto índice dos preenchimentos ignorados ou brancos, chegando a total de 2.323 ignorados/brancos no nível de escolaridade que representa 60,89% dos casos registrados no Rio Grande do Norte durante o período abordado neste estudo.

Verifica-se, portanto, que é necessária uma orientação ou capacitações dos profissionais de saúde, a fim de aprimorar o preenchimento no Sinan. Nesse contexto, também promover ações que busquem diminuir possíveis subnotificações nos serviços de saúde que atendam casos de violência física contra mulheres. Desta forma, contribuir com informações mais fidedignas para que sirvam de embasamento às políticas públicas de combate a este agravo no estado do RN.

Em suma, salienta-se ainda que apesar dos avanços jurídico-legais em meio a tal contexto, ainda há retração do estado nos investimentos sociais, o que faz surgir muitos obstáculos para a materialização dos direitos das mulheres em situação de violência.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Vinicius Ferreira. “Se te agarro com outro, te mato! Te mando algumas flores e depois escapo”: cenários da violência contra a mulher na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 39, 2022.

COELHO, Ananda Caroline Vasques Dantas et al. Perfil sociodemográfico de registro de mulheres vítimas de violência física no ceará durante a covid-19, 2019-2021. **Saúde Coletiva (Barueri)**, v. 12, n. 74, p. 9961-9968, 2022.

DUFFFRAYER, Karoline Moreira et al. Perfil sociodemográfico de mulheres vítimas de violência no período de 2008 a 2017. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 4, p. e39710413823-e39710413823, 2021.

QUEIROZ, Fernanda Marques de et al. Em briga de marido e mulher se mete a colher: mapeamento analítico dos serviços de prevenção e combate às violências contra as mulheres no Rio Grande do Norte. In: **Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais 2019**. 2019.

LIMA, Leilson da Silva et al. Sintomas depressivos em gestantes e violência por parceiro íntimo: um estudo transversal. **Enfermagem Global**, v. 19, não. 4, pág. 1-45, 2020.

MADEIRO, Alberto et al. Violência física ou sexual contra a mulher no Piauí, 2009-2016. *Journal of Health & Biological Sciences*, v. 7, n. 3 (Jul-Set), p. 258-264, 2019.

MOURA, Julliane Quevedo de et al. Escala de Crenças Sobre Violência Conjugal (ECV): Versão Brasileira. **Psico-USF**, v. 26, p. 603-616, 2022.

OLIVEIRA, Lays Cristyna Gomes de; MARTINS, Letícia Pereira; DE ANDRADE AOYAMA, Elisângela. ATRIBUIÇÃO DO ENFERMEIRO NA ASSISTÊNCIA A MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*, 2022.

Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) / OMS. (2017). Folha informativa: Violência contra as mulheres. Atualizada em novembro de 2017. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5669:folha-informativa-violencia-contra-as-mulheres&Itemid=820>. Acesso em 09 de março 2023.

RABELO, Domingas Pereira; DOS SANTOS, Kátia Costa; DE ANDRADE AOYAMA, Elisângela. Incidência da violência contra a mulher e a lei do feminicídio. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**, 2019.

RIBEIRO, Marizélia Rodrigues Costa et al. Inversão de papéis tradicionais de gênero e violência por parceiro íntimo contra mulheres grávidas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 5, pág. e00113919, 2020.

ROCHA, Sileuza da Silva Meira; SOKOLONSKI, Ana Rita. Violência contra mulher no período da COVID-19. *Revista de Ciências Médicas e Biológicas*, v. 21, n. 3, p. 650-656, 2022.

ROMÃO, Lina Maria Vidal et al. Condução da violência de gênero na estratégia de saúde da família: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, p. e959107600-e959107600, 2020

SANTOS, Ione Barbosa dos et al. Violência contra a mulher na vida: estudo entre usuárias da Atenção Primária. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 5, p. 1935-1946, 2020.

SANTOS, Clenilda Aparecida dos et al. Violência sexual perpetrada na adolescência e fase adulta: análise dos casos notificados na capital de Rondônia. **Escola Anna Nery**, v. 26, 2022.

SILVA, Leticia Lima; DE OLIVEIRA, Nicole Brandão Barbosa; POL-FACHIN, Laércio. Análise da taxa de mortalidade por agressão em mulheres de 15 a 59 anos no Brasil, durante o período de 2015 a 2019. Analysis of the mortality rate due to assault in women from 15 to 59 years of age in Brazil, during the period from 2015 to 2019. Brazilian Journal of Health Review, v. 4, n. 6, p. 29417-29429, 2021.

VIANA, Vera Alice Oliveira et al. Tendência temporal da violência sexual contra mulheres adolescentes no Brasil, 2011-2018. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 2363-2371, 2022.

VIEIRA, Sonia; HOSSNE, William Saad. In: **Metodologia científica para a área de saúde**. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2021.